



CAPÍTULO 2 – ANDAMENTO DO PROJETO BÁSICO AMBIENTAL DO COMPONENTE INDÍGENA

Anexo 11.3.3.3 – 1 – Espaço de Memória do Pakaña - Projeto

PROGRAMA DE PATRIMÔNIO CULTURAL

PROJETO: Reestruturação do Museu do Índio de Altamira

Atividade: Formação da Reserva Técnica, Acervo Documental e Coleção para Exposição – Exposição Permanente

Ação: Montagem da Exposição Permanente e Exposição Itinerante - Espaço de Memória da Aldeia Pakaña

TI: Araweté

Aldeia: Pakaña

Introdução

O Programa de Patrimônio Cultural do Programa Básico Ambiental do componente indígena propõe como projeto de relevância a Reestruturação do Museu do Índio de Altamira.

O Museu do Índio de Altamira em sua versão anterior funcionou por mais de vinte anos, por iniciativa de um grupo de funcionários estimulados por Benigno Pessoa, superintendente da FUNAI, funcionava anexo a Casa do Índio e os indígenas de todas as etnias levavam seus produtos para vender e o grupo gestor reuniu considerável acervo de objetos tradicionais e fotos tornando o acervo uma referência de cultura indígena, visitado por pessoas da cidade e por turistas que buscavam a cultura local.

O indígena deixava seu produto material em consignação e quando era vendido, o valor era guardado e seu nome era registrado no caderno da contabilidade. Muitas vezes o produto ficava mais de ano no prateleira.

O projeto para funcionar tanto tempo, contou com a dedicação de muitas pessoas e principalmente com o trabalho de Mirian Xipaia que atendia com a dedicação, interesse e honestidade, considerando seu grande diferencial o domínio do inglês por ser casada com indígena wai-wai, que trás o inglês como educação básica.

O Museu do Índio foi desativado por decisão de uma nova política de um novo superintendente, entretanto, ficou marcado na executora e no imaginário do indígena do Médio Xingu como projeto importante para todos.

Ao se elaborar os compromissos do PBA-CI, a Reestruturação do museu do Indio se de Altamira se estabeleceu como um dos principais projeto de Patrimônio Cultural Material e Imaterial.

Nesse contexto a Fundação Ipiranga como executora do PBA-CI, percebendo através da escuta dos indígenas que os conceitos de museologia são subjetivos para os indígenas decide investir utilizando a atividade “exposição permanentes “ constante do contrato com a empreendedora Norte Energia, nos Espaços de Memória a serem instalados em cada aldeia, em parceria com as comunidades.

Esses Espaços de Memória se confirmaram como pequenos museus das aldeias, reunindo acervo cultural e possibilitando a construção, criação e enriquecimento da produção material e imaterial da etnia.

Para materializar essa idéia, a gestão da Fundação Ipiranga e do Programa de Patrimônio Cultural articulou e pactuou com as lideranças de cada aldeia, a cessão de espaços físicos não utilizados nas aldeias, para serem adaptados para Espaços de Memória pela executora que restaura, reforma e equipa os ambientes.

Desenvolvimento da Ação

Para viabilização e instalação do Espaço de Memória da aldeia Pakaña a liderança, indígena Kuten Araweté disponibilizou a antiga casa de farinha da aldeia que já havia sido reformada para ser usada como casa de apoio ou casa de passagem. Considerando o desejo da comunidade de ter um espaço de cultura a liderança priorizou o Espaço de Memória permitindo que fosse instalado na antiga casa de farinha.

É um casarão de madeira com dois fornos com tachos de ferro que foram mantidos e aproveitados como pontos de culturas. Recebeu pequenas reformas e ajustes desde junho, cada vez que a equipe de obra e serviços gerais desenvolvem ações no Pakaña, serviços concluídos no mês de outubro.

Para consolidar seu formato como Espaço de Memória, foi dividido em quatro ambientes que contemplam as ações propostas para a comunidade.

O primeiro ambiente, amplo salão com um dos fornos, recebeu as produções materiais que se destacam pela beleza da plumária, constando de capacetes, maraká, apito, tiaras que marcam a exposição pela beleza, pelo acabamento apurado e pelo colorido.

Dentro do tacho de farinha foram dispostos os objetos de cestaria contendo urucum que é a grande marca identitária dessa etnia que é chamada de Povo Vermelho do Igarapé do Ipixuna. Também contemplou-se nessa mostra, o milho, alimento preferencial e referencial da alimentação diária e simbólico na pajelança, base do “cauin” mingau de ampla utilização nas ocasiões festivas.

Em destaque nessa sala, a saia tradicional da mulher Araweté, tecido com linha vermelha preferencialmente, já se apreciando tons fortes de amarelo, verde e azul como tendência atual dos jovens indígenas da etnia.

O segundo ambiente é de reuniões e projeções, contendo mesa, cadeiras, TV Sony de 40 Polegadas, Desktop completo, impressora HP e Nobrek.

Essa sala aproveitou o outro forno como mesa de apoio para os equipamentos, colocando tampo de madeira sobre o tacho do forno de farinha.

Foram entregues à liderança vídeos da etnia que a comunidade assistiu com alegria. Depois um videoasta trouxe um pen-drive com reportagens de outras etnias, muito apreciados também.

A sala de projeções funcionou das 19:00 horas até às 23:00 horas em “sessões lotadas” revezando os expectadores.

O terceiro ambiente é de estudos e pesquisas e o líder Kuten manifestou que não desejava ter produção acadêmica para acesso da comunidade, pois, os pesquisadores “mentem” sobre os Arawetés. Foi pactuado que a executora trará algumas produções científicas para sua apreciação e conforme sua avaliação, serão reproduzidos. A executora ofertou para o Espaço de Memória um exemplar Léxico Tupi publicado pela Fundação Ipiranga.

Durante a reunião de entrega do espaço, o líder solicitou que gostaria de ter acesso à publicações sobre outras etnias.

O quarto ambiente foi reservado para as vitórias no esporte, reunindo troféus e medalhas que a aldeia ganhou em torneios e jogos. É um espaço que todos curtiram com muito orgulho e alegria.

O casarão é cercado em três lados por terraço que permitirá a instalação do Espaço de Arte oficina de artesanato na parte de trás do Espaço de Memória.

A entrega do Espaço de Memória para a comunidade do Pakaña foi momento de alegria da comunidade e o líder Kuten declarou que gostou “demais” e que estava emocionado, pois, sua comunidade nunca tem um lugar de cultura para aprender e ensinar.

Análise Crítica

A aldeia Pakaña apresenta um nível de organização e estrutura superior a maioria das demais. A preocupação da executora é o aspecto museológico do Espaço de Memória que deverá ser cuidado como Museu da Aldeia, preservando o acervo e mantendo o ambiente limpo e organizado.

O líder Kuten nomeou um responsável pelo Espaço de Memória e comprometeu-se em acompanhar o processo de manutenção.

A executora está apostando na capacidade da comunidade de cuidar. Somente o tempo dirá.